



## O PAPEL DA FORMAÇÃO DOCENTE NA EFETIVAÇÃO DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Adrieli Martins Ferreira<sup>1</sup>  
Andressa Ferreira Pedroso<sup>2</sup>  
Anna Julya Silva Borges<sup>3</sup>  
Manuela Victória Bouwman<sup>4</sup>  
Marjorie Pelik Kempe Camargo<sup>5</sup>

**Resumo:** A intenção deste artigo é auxiliar no aumento da inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar. Apesar dos avanços legislativos, a efetivação da inclusão ainda enfrenta diversos obstáculos, como a falta de formação específica para professores e a escassez de recursos adaptados. Por meio de pesquisas na APAE e em escolas municipais de Tibagi, foi destacada a importância de estratégias de comunicação alternativa, adaptações curriculares e a colaboração entre família e escola. O referencial teórico aborda as características do TEA, a importância do diagnóstico precoce e da intervenção multidisciplinar. A metodologia desenvolveu um mapeamento das instituições, aplicação de questionários a professores e observação direta de aulas. O estudo enfatiza que a presença de alunos autistas deve impulsionar a construção de uma educação mais humana e equitativa, que acolha a diversidade como parte essencial do processo educativo.

**Palavras-chave:** Autismo; Educação Especial; Inclusão.

**Abstract:** The purpose of this article is to help increase the inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in schools. Despite legislative advances, the implementation of inclusion still faces several obstacles, such as the lack of specific training for teachers and the scarcity of adapted resources. The study emphasizes that the presence of autistic students should drive the construction of a more humane and equitable education, which embraces diversity as an essential part of the educational process. Through research at APAE and municipal schools in Tibagi, the importance of alternative communication strategies, curriculum adaptations, and collaboration between family and school was highlighted. The theoretical framework addresses the characteristics of ASD. The methodology involved mapping institutions, applying questionnaires to teachers, and direct observation of classes.

**Keywords:** Autism; Special Education; Inclusion.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: adrielimartins@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: andressafpedroso@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: annajulyaborges.contato@gmail.com

<sup>4</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: manuelabouwman0418@gmail.com

<sup>5</sup> Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia, pela UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: mpkcamargo@gmail.com



## 1. INTRODUÇÃO

A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar tem sido um assunto presente nos debates de políticas públicas de educação, debatida e divulgada por diversos movimentos sociais, estudos científicos e legislações que garantem o direito à educação para todos. Mas apenas presença na chamada, corpo presente no ambiente e olhos no quadro, não são o suficiente. Para que a inclusão seja efetiva, é fundamental que a escola esteja preparada para oferecer um suporte pedagógico adequado. Isso significa garantir que os alunos com Transtorno do Espectro Autista tenham suas necessidades atendidas, por meio de adaptações, recursos didáticos, e um ambiente acolhedor e compreensivo promovendo o desenvolvimento acadêmico, social e emocional dos alunos.

É necessário que as ações tomadas façam com que a inclusão ocorra efetivamente, respeitando as especificidades do aluno e impulsionando seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. Isso corresponde a uma transformação nas práticas pedagógicas, na formação docente e na estrutura das instituições escolares.

Logo, este estudo propõe uma reflexão sobre a inclusão de alunos com TEA no sistema educacional e no cotidiano, analisando as lacunas existentes nas políticas públicas, na formação docente e nas práticas pedagógicas, contribuindo também para a construção de uma educação mais compreensiva às necessidades dos alunos neurodivergentes, que reconheça as diferenças como uma riqueza e não como um obstáculo, e que promova uma escola em que todos os sujeitos possam aprender, ensinar e conviver em sua plenitude.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Transtorno do Espectro Autista pode ser facilmente reconhecido por suas características marcantes, sendo algumas delas: alterações ou dificuldades na comunicação, na interação social e em ações comportamentais, que podem se manifestar em diferentes graus de intensidade e “tolerância”.



Segundo Jones (2000, p. 50)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) engloba condições relacionadas que são classificadas dentro dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento. As características principais são: dificuldades linguísticas específicas, prejuízos cognitivos e na comunicação social. (Jones, 2000, p. 50)

O Transtorno do Espectro Autista manifesta-se por déficits na comunicação e interação social, juntamente com padrões repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Do ponto de vista cognitivo, o funcionamento cerebral no TEA difere do neuro típico, com autores como Baron-Cohen et al. ressaltando que a dificuldade na Teoria da Mente e na Coerência Central são marcos centrais que impactam a compreensão das relações e interações.

A qualidade da interação é fundamental, através de intervenções direcionadas, como as práticas pedagógicas estruturadas por Fonseca e Ciola ou a abordagem sociointeracionista de Vygotsky, essenciais para o desenvolvimento de habilidades sociais e a ampliação de repertório adaptativo, visando a inclusão escolar e social do indivíduo.

A cartilha elaborada pelo cartunista Ziraldo (2013) o “Autismo: uma realidade” ilustra de forma simplificada o que é o autismo, e aborda os principais aspectos do TEA, enquanto explica as características comuns do autismo, como as dificuldades na comunicação e interação social, além dos padrões de comportamento repetitivos e interesses restritos. Desmistifica também algumas ideias sobre o TEA, ressaltando que cada indivíduo é único e que o autismo se manifesta de diferentes formas.

O autista nasce com um transtorno neurobiológico, ou seja, uma alteração no desenvolvimento que faz com que ele tenha dificuldades no relacionamento com as pessoas e com o ambiente onde vive. Ele precisa, assim, de ajuda para se desenvolver e superar suas limitações. (Ziraldo, 2013, p. 47).

A maioria dos professores não se sentem preparados para lidar com as demandas específicas do autismo e também de outros transtornos, devido à escassez de formação continuada e à sobrecarga de trabalho. Cruz *et. al* (2017, p. 1033) apresenta uma reflexão sobre o despreparo dos professores e também da parte de aceitação das famílias:

O setor pedagógico se mostra despreparado para realizar a inclusão dessa criança, já que esse processo exige uma gama de conhecimentos específicos, começando com os mais simples conceitos e as práticas na sala de aula, incluindo estudo dos conteúdos, adaptação de atividades de sala e de



casa, trabalhos individuais e coletivos e a rotina do aluno autista. Os problemas enfrentados pela família do aluno com TEA, que vão desde a falta de informação nas instituições escolares até a falta de formação adequada de professores, que na sua formação inicial não tiveram nenhum conteúdo curricular desse tema, são obstáculos recorrentes (Cruz, *et al.*, 2017, p.1033).

Juntamente, a falta de recursos didáticos adequados, de apoio multiprofissional e de um ambiente escolar acolhedor e acessível compromete a efetivação da inclusão. Em diversos contextos, observa-se que o autista é apenas tolerado, mas não verdadeiramente incluído, o que reforça práticas excludentes e desigualdades.

A partir disso a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) apresentando pelo Ministério da Educação (MEC) em novembro de 2023, tem como intuito promover ações e investimentos para formação docente, infraestrutura, recursos de tecnologia e pedagógicos, visando incluir os estudantes portadores de deficiência até 2026. O documento PNEEPEI afirma as seguintes informações:

[...] os programas de formação pedagógica foram concebidos visando mitigar a falta de professores especialistas em exercício na educação básica [...] se voltava ao aproveitamento de estudos de bachareis que possuíam interesse em lecionar. Assim, os programas têm como preceito fundamental a valorização de experiência anterior do bacharel em disciplinas ministradas nos anos finais da educação básica. Isto porque os anos iniciais têm foco no desenvolvimento das linguagens e habilidades sociais e na alfabetização da criança, conduzidos por profissionais pedagogos, habilitados durante toda a graduação para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. (PNEEPEI, 2008)

A inclusão de alunos com TEA representa, de certa forma, um desafio no cenário da educação no Brasil, principalmente por causa das lacunas na formação continuada e inicial dos docentes desses alunos com neuro-divergências.

Segundo Veloso, apesar da conscientização e das diretrizes legais que tem promovido a inclusão, uma parcela significativa de professores ainda se encontra sem preparo para adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades específicas desses estudantes. Essa deficiência formativa não apenas compromete a qualidade do ensino, mas também leva à exclusão velada de alunos neuro-divergentes, estendendo a resolução do problema e aumentando as barreiras do pleno desenvolvimento. Assim, a necessidade de uma revisão curricular na formação docente, torna-se algo de extrema necessidade para a concretização de uma educação verdadeiramente inclusiva e equitativa.



Como apontado por um estudo de Araújo e Gomes (2020), as políticas públicas já existentes frequentemente se mostram genéricas e necessitam de especificidade para atender às demandas do TEA, resultando em uma implementação inconsistente e não muito efetiva. As lacunas das políticas públicas se mostram insuficientes na formação especializada para docentes, na escassez de recursos didáticos e na ausência de um currículo que contemple as particularidades cognitivas desses estudantes. Essa realidade, em vez de promover a inclusão, leva a uma situação onde o desenvolvimento integral e a participação social dos alunos com TEA não ocorre de forma integral.

De acordo com o Relatório de Monitoramento do Plano Nacional de Educação (INEP, 2022), “menos de 30% dos professores da educação básica afirmam ter recebido formação continuada específica em educação inclusiva nos últimos anos”.

Além disso, as políticas intersetoriais essenciais para atender as múltiplas áreas do desenvolvimento de pessoas com TEA são frequentemente desarticuladas. A ausência de diálogo efetivo entre as pastas de saúde, educação e assistência social limita a eficácia de programas integrados. Como destaca a pesquisadora Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2015), “a fragmentação das políticas públicas compromete o atendimento integral e contínuo das pessoas com deficiência, especialmente as que demandam suporte mais intensivo, como no caso do autismo”.

## 2.2 METODOLOGIA

Segundo Gil (2002, p. 67), a pesquisa quantitativa a partir de pesquisa e relato de experiência podem ser definidos como:

A pesquisa descritiva tem como objetivo básico descrever as características de populações e de fenômenos. Muitos dos estudos de campo, bom como de levantamento de, podem ser classificados nessa categoria. Nos levantamentos, contudo, a preocupação do pesquisador é a de escrever com precisão essas características, utilizando instrumentos padronizados de coletas de dados, tais como questionários e formulários, que conduzem a resultados de natureza quantitativa. Nos estudos de campo, a preocupação também é com a descrição, mas a ênfase maior é colocada na profundidade e não na precisão, o que leva o pesquisador a preferir utilização de depoimentos e entrevistas com níveis diversos de estruturação. (Gil, 2002, p. 67)

Pode-se definir que a pesquisa qualitativa propõe a compreensão dos conteúdos e eventos sem a necessidade de se basear em informações estatísticas.



Segundo Gil (2002, p. 44),

[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Esse método se caracteriza por buscas em fontes primárias, que ainda não receberam tratamento analítico em relação a um tema de pesquisa.

Já a pesquisa bibliográfica descreve o estudo de matérias já elaboradas. Sendo assim a pesquisa qualitativa bibliográfica exige uma leitura cuidadosa e crítica de revistas, artigos e sites disponíveis sobre o assunto abordado, além de uma análise aprofundada dos dados coletados. Segundo Gil (1999), a pesquisa qualitativa é subjetiva e baseia-se na dinâmica e abordagem do problema a ser pesquisado. O objetivo é descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de forma interpretativa.

### 3. MAPEAMENTO

O projeto foi iniciado com o mapeamento de algumas instituições de ensino no município de Tibagi. Das dezesseis que lá atuam, dez foram selecionadas para o levantamento necessário para a pesquisa, sendo nove públicas (duas estaduais e sete municipais) e uma particular. Buscando como principal objetivo, levantar dados quantitativos sobre o número de alunos com TEA.

Foram contabilizados mais de setenta estudantes autistas em diferentes níveis de ensino, incluindo crianças não verbais.

#### 3.1. QUESTIONÁRIO

Foi aplicado um questionário com dezessete perguntas aos professores desses alunos, o que permitiu a possibilidade de identificar alguns dos métodos que foram utilizados, as dificuldades enfrentadas e o grau de formação desses profissionais.

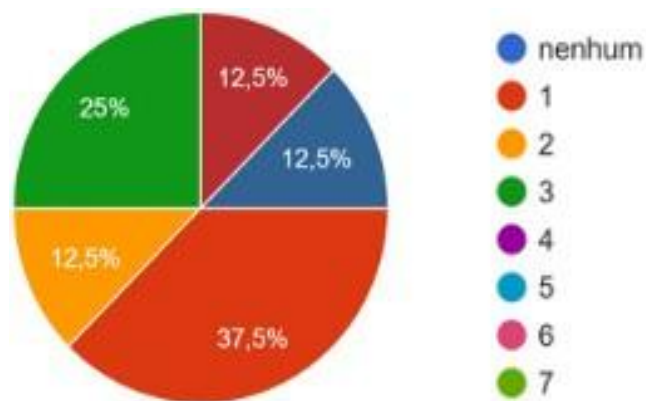
Segundo Gil (2002, p. 23), a coleta de dados por formulário pode ser definida como:

Para a coleta de dados nos levantamentos são utilizadas as técnicas de interrogação: o questionário, a entrevista e o formulário. [...] O formulário, por fim, pode ser definido como a técnica de coleta de dados em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas. (Gil, 2002, p. 23)



Enquanto a maioria dos docentes é formado em Pedagogia, apenas uma minoria tinha a especialização necessária em Educação Especial, o que evidencia a urgência da capacitação na área/assunto.

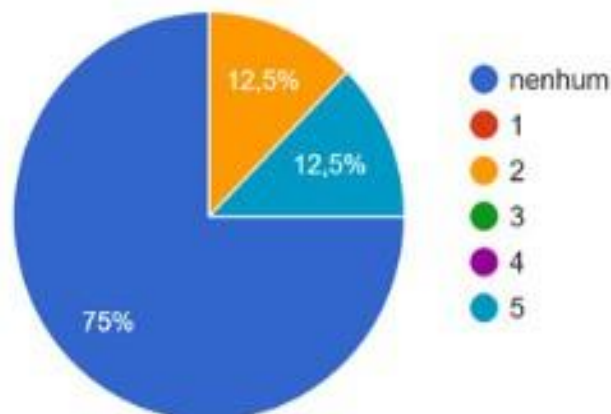
**Gráfico 1 - Alunos com TEA para qual leciona**



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

O gráfico em questão ilustra a distribuição da quantidade de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) por sala, com base nas informações fornecidas pelos professores entrevistados. A análise dos dados revela que a grande maioria dos participantes possui, ao menos, um aluno com laudo de TEA em sua turma.

**Gráfico 2 - Quantidade de alunos não verbais que leciona**



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

No que diz respeito ao segundo gráfico especifica as características desses alunos. Dentre o total de discentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), três são não verbais, uma informação que aponta para as demandas específicas de comunicação em sala de aula.



Em análise do gráfico resultante da pesquisa, conduzida via google forms com professores de alunos autistas, constata-se que a maioria dos docentes entrevistados possui apenas um aluno com transtorno do espectro autista (TEA) em suas salas de aula. Adicionalmente, uma parcela significativa desses alunos é classificada como verbal, indicando que a comunicação oral é predominante entre eles.

A cartilha *“Autismo: uma realidade”* relata sobre a importância de um contato desses profissionais com os pais dos alunos e o quão benéfico essa prática é para o seu desenvolvimento. Uma equipe formada por vários profissionais pediatra, psiquiatra, neurologista, psicólogo e fonoaudiólogo deve prescrever e orientar o tratamento. Mas é a união da escola com a família a medida mais importante para a melhoria de vida da criança autista. Quanto mais cedo for feito o diagnóstico e iniciado o tratamento do autismo, melhor para o desenvolvimento da criança.

O estudo de campo constitui o modelo clássico de investigação no campo da Antropologia, onde se originou. Nos dias atuais, no entanto, sua utilização se dá em muitos outros domínios, como no da Sociologia, da Educação, da Saúde Pública e da Administração.

Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

Já o estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo.

### 3.2. OBSERVAÇÃO PRÁTICA

Como aprofundamento da pesquisa, realizou-se a observação direta de aulas na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) Nilse Terezinha Brandalise Romel, sendo esta, uma instituição especializada no atendimento de pessoas com deficiência.

Esta etapa trouxe à tona experiências significativas sobre estratégias de comunicação alternativa, adaptações curriculares e a importância e necessidade do trabalho colaborativo entre família e escola, de forma efetiva.

No livro *“Dificuldades de Comunicação e Autismo”*, Farrell nos apresenta a visão



do professor deve ser voltada ao melhor aprendizados dos alunos, a preocupação do professor ou de outras pessoas, justificada por evidências relativas a uma criança que, embora tenha oportunidades de aprendizagem diferenciadas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar representa não apenas um direito assegurado por lei, mas também um compromisso ético e social com a valorização da diversidade. Ao longo deste estudo, observou-se que, embora avanços significativos tenham sido alcançados no campo legislativo e nas discussões sobre práticas inclusivas, a efetivação da inclusão ainda constitui um desafio a ser enfrentado.

As principais dificuldades relatadas pelos docentes relacionam-se à falta de formação específica, à ausência de recursos adaptados, ao despreparo institucional para oferecer suporte adequado e à sobrecarga de trabalho, fatores que comprometem o atendimento individualizado necessário aos alunos com TEA. Tais desafios evidenciam a urgência de políticas públicas que invistam não apenas em estruturas físicas e profissionais de apoio, mas, sobretudo, na formação continuada e na valorização dos educadores.

Por outro lado, também foram identificadas experiências exitosas de inclusão, pautadas em atitudes acolhedoras, adaptações pedagógicas criativas, uso de estratégias de ensino diversificadas e construção de vínculos sólidos entre professores, alunos e famílias. Essas práticas demonstram que a efetivação da inclusão não depende exclusivamente de condições ideais, mas de uma postura pedagógica aberta ao diálogo, à escuta e à aprendizagem mútua.

Conclui-se, portanto, que a presença de alunos autistas nas escolas regulares deve ser compreendida como uma oportunidade de repensar os modelos tradicionais de ensino e de construir uma educação mais humana, equitativa e sensível às singularidades de cada sujeito. Para que isso ocorra, é fundamental que a escola se reconheça como um espaço de transformação, no qual a diferença não seja apenas tolerada, mas acolhida como parte essencial do processo educativo.



## 5. AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos professores, diretores, pedagogos que abriram as portas de suas escolas e salas de aula, para que pudéssemos realizar nossa pesquisa. E dedicado também, um tempo de seu dia a responder às questões propostas em nosso questionário, para desta forma, compartilhar conosco suas experiências dentro e fora da sala de aula.

Não podemos deixar de citar nossa professora e orientadora deste artigo: Marjorie Pelik Kempe Camargo, que nos auxiliou durante a construção e desenvolvimento do nosso texto, na articulação de nossas palavras e na combinação de nossas ideias, desenvolvidas em grupo.

Por fim, agradecemos a nós mesmos por não termos desistido de nosso tema, que traz um debate de extrema importância pro cenário atual da educação.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. E. C.; GOMES, C. M. A. **As políticas públicas de educação inclusiva e o Transtorno do Espectro Autista**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 26, n. 3, p. 433-448, jul./set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/rjbee/a/Lq7hJ7y4KzJ8Kz8hY4tX9tD/?lang=pt>. Acesso em: 15.mai.2025.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Relatório do 4º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação – 2022**. Brasília, DF: Inep, 2022. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/plano\\_nacional\\_de\\_educacao/relatorio\\_do\\_quarto\\_ciclo\\_de\\_monitoramento\\_das\\_metas\\_do\\_plano\\_nacional\\_de\\_educacao.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/plano_nacional_de_educacao/relatorio_do_quarto_ciclo_de_monitoramento_das_metas_do_plano_nacional_de_educacao.pdf). Acesso: 15.mai.2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de Afirmção e Fortalecimento da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI)**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pneepei>. Acesso: 15.mai.2025.

FARRELL, Michael. **Dificuldades de comunicação e autismo: guia do professor**. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JONES, G. S. **Autistic spectrum disorder: diagnostic difficulties**. Prostaglandins Leukot and Essent Fatty Acids, [s. l.], v. 62, n. 1/2, p. 33-36, 2000.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **A educação inclusiva como política pública: desafios da intersectorialidade**. In: PRIETO, Rosângela Gavioli (org.). Educação inclusiva: cultura

# EPIC 2025

XII ENCONTRO DE PESQUISA, XVI ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E  
II ENCONTRO DE ENSINO E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



e práticas pedagógicas. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

VELOSO, J. S. S. **Formação de professores para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista.** [S. l.: s. n.]. Disponível em: [https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/7385/1/MONOGRAFIA\\_Forma%C3%A7%C3%A3oProfessoresInclus%C3%A3o.pdf](https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/7385/1/MONOGRAFIA_Forma%C3%A7%C3%A3oProfessoresInclus%C3%A3o.pdf). Acesso: 15.mai.2025.

ZIRALDO. **Autismo:** uma realidade. Texto: Gustavo Luiz. Arte: Miguel Mendes, Marco, Fábio Ferreira. [S. l.]: Megatério Estúdio, 2013.